

Folha d'Ovar

FOLHA POLITICA, LITTERARIA E NOTICIOSA

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha..... 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGO DE S. MIGUEL

DIRECTOR E RESPONSÁVEL

M. GOMES DIAS

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Annuncios permanentes, 5 réis.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 15 de outubro

A dissolução das camaras

Choram os progressistas pelo mando. Sempre a mania das pastas a agital-os! Ambição pathologica, de que nunca se curam!

Pedem, reclamam o governo como se a rotação constitucional fosse á *vez*. São curiosos os seus lamentos.

Reforçam os seus desejos com não terem creado difficuldades a nenhum dos ministerios. Se difficuldades são os seus pronunciamentos contra os governos, diremos, que sempre as crearam.

Mas supponhamos que não —que razão politica é essa para com ella abonarem o seu direito ao poder?

Compromettido em toda a grande orgia de 86 a 90 o chefe não póde ou não deve presidir nunca mais a uma situação, seja qual fór, e muito menos na crise, em que nos achamos!

E' mais um inconveniente, que afasta o seu partido do que ambiciona.

Para contraste o *Primeiro de Janeiro* chama-o o prestigioso chefe!

Prestigioso?

Este titulo nem aos distinctos estadistas o vemos ap-

plicado! Tem havido um certo pejo para com este exaggero.

O prestigioso José Luciano devia pedir aos seus partidarios, que o não ridicularissem.

Vão-se pintando e vestindo de meritos para o caso de poderem derribar o ministerio, e é por isso que não lhes convinha a dissolução das camaras.

Mas as camaras não correspondem a um governo de côr definida.

Eleitas no tempo de um governo mixto ou neutro, ou conciliador, como queiram chamar-lhe, desde que cessou a politica dos accordos, não podem durar, porque sahiram d'esses accordos—e aquelles, como os progressistas, que protestaram contra os governos conciliadores, não podem combater a dissolução das camaras actuaes, contradizem-se.

A dissolução é logica—é necessaria.

Lourenço d'Almeida e Medeiros

ERRATA

No artigo—*Scena no governo civil*—deve lêr-se o seguinte:

O sr. Massa pareceu impressionado, e o caso era para isso—mas os vogaes es-

queceram-se de que lhes ficava atraz em Ovar a indignação publica e aquelle, que devia recolher os seus protestos; o calculado effeito que attribuiam ás suas cataduras, e que esperavam fosse directamente transmittido ao governo, mallogrou-se.

TRAPALHICES

I

Espalha-se em nome da camara, que nós queremos tirar-lhe a administração da matta e do seu terreno, no que ninguem pensa, nem pensou, porque seria uma estupidez, e para entregal-a ao governo, o que não é possível, o que não passa de uma intrujice, cujo fim, bem claro, é enganar o povo é obter o seu apoio agora, que se levanta uma justa e geral opposição aos actos arbitrarios e ruinosos da actual gerencia camararia.

E' bem credulo, quem não despreza essas mentirolas.

II

Nós respondemos:—E' a camara que d'um modo indirecto já entregou ao governo a matta ou o producto da sua venda, o que o mesmo vale.

Foi ella que pediu as estradas até aqui a cargo do ministerio das obras publicas,

e nos seus concertos vae dissipender não só os *ridiculos seis contos* por que vendeu perto de *noventa hectares* de bons e vigorosos pinheiros, mas tudo o que as outras vendas produzirem, se conseguir effectual-as.

Para que foi tomar encargos, que não tinha, de que estava livre o municipio?

Ora tanto faz entregar ao governo a matta ou o seu valor, como em lugar do governo satisfazer ás despezas, que a elle só pertenciam, e ás quaes a camara sacrificou essa rica propriedade.

Como finge agora, que ha de impedir o que já fez? Se já entregou a matta a um sacrificio desnecessario?

Ao inverso, somos nós, que seriamente pretendemos obstar não só á sua *venda por dez réis de mel coado*, mas a que o seu producto se dissipe todo em obras, que não estavam a cargo do concelho, e com as quaes a inconsiderada camara o onerou, e comprometteu as suas finanças.

Somos nós que já pedimos voltem as estradas para o seu respectivo ministerio.

Esse é o objecto das nossas representações aos poderes superiores.

III

Onde está o zelo da camara, ou de quem assim a

induz a actos levianos e censuraveis?

Onde está sabemos nós, e havemos de mostral-o em lugar competente.

Mas quem recorre a invenções tão miseraveis, como aquellas, a que estamos respondendo, não tem a seriedade precisa para representar um municipio, não merece a confiança do povo.

IV

As leis, que regulam os actos camararios, são garantias para os concelhos.

Segundo a Reforma Administrativa de 92, não podem ser vendidos os bens immobiliarios sem a approvação do governo.

E' para evitar que se vendam ou se esbanguem esses bens ao arbitrio das camaras, mas se pugnamos, porque se cumpram as disposições da lei n'este assumpto, não é querermos entregar ao governo a administração d'esses bens, o que é cousa mui differente, é para evitarmos prejuizo enorme, que todos sabem.

V

E' irracional o medo, de que venha o governo a lançar mão da matta e do seu terreno.

1.º Porque se as estradas pedidas não voltarem para o

(4) Folhetim da FOLHA D'OVAR

CONDESSA DE MONTEMERLI

ENTRE DUAS MULHERES

TRADUÇÃO DE

Jaymo T. Cirne de Magalhães

IV

Amigos

E, com effeito, por mais de dois annos nenhuma intimidade nasceu entre elles; foi preciso para se ligarem, uma convivencia de dois mezes em Ardeza ao pé de Livorno onde foram a banhos do mar. O que não fizera a vontade, realisou-o o acaso. Viram-se a miudo e apreciaram-se mutuamente. The-reza agradou a Margarida, embora

a sua indole se não parecesse em nada com a de madame Venosti. Uma doença do filho mais velho da condessa Galaredi entrou por muito n'esta amizade; as duas mulheres juntaram-se á cabeceira da creança, trataram-n'a, salvaram-n'a, e ficaram amigas.

Entre o conde e Roberto Venosti, existiam ainda menos affinidades do que entre suas mulheres, e, apesar d'isso, tambem elles travaram amizade.

V

O relampago

Durou por alguns mezes essa intimidade sem que fosse perturbada pela mais leve nuvem; a confiança entre as duas familias augmentava na razão directa, do que se poderia quasi chamar previa antipathia, pois o coração é naturalmente inclinado a reparar qualquer injustiça que sem motivo haja praticado. O sr. Venosti, florentino

n'alma, convivia pouco com sua mulher, e esta, com os seus muitos affazeres, pouco dava por isso. Os seus cuidados de proprietario afastavam-n'o tambem da cidade durante muitas semanas; ia para Terra-Nova em Val d'Arno; e lá, não contava os dias. Margarida quando se via só, procurava um pouco mais a companhia dos Galaredis. O conde parecia querer-lhe como a uma irmã; tinha comprehendido as suas qualidades, os seus merecimentos e via-a á luz da intelligencia que nobilita e embelleza tudo.

N'aquelle suave accordo do espirito e do coração as suas almas encontraram-se, os olhos de Luciano tiveram um clarão electrico que fez côrar a fronte a Margarida, ambos exhalaram um suspiro... amavam-se!

Sentir o amor, e confessal-o a si mesmo, são duas coisas muito distinctas uma da outra; e será tanto mais duradouro o periodo da hesitação quanto mais forte fór a

paixão. Luciano assustava-se dos proprios sentimentos; pela sua parte Margarida negava-se de boa fé a analysar o que n'ella se passava; era quasi impossivel admittir um facto, que não trazia consigo só o terror, mas tambem o desmoronamento dos seus principios mais queridos, o respeito ao bem e á virtude. Decorreram muitos dias n'aquelle torpôr de espirito que não deixa fallar; porém, chegada a sua hora, a voz implacavel do destino pronunciou o «fiat lux» e desencadeou-se a tempestade nas almas de Luciano e Margarida.

VI

N'uma hora apaga-se uma vida

Culpas e virtudes são de todas as linguas as duas palavras sobre as quaes mais se generalisa, e menos se regateia. Todavia, o que se decreta virtude nem sempre o é, e o que chamam culpa, muitas

vezes deixa de ser criminoso. O que dimana da alma não póde ser branco nem preto, pois que são infinitas as gradações do pensamento, e cruelmente fertil em meastintas a tentação. Este miseravel corpo, que se quer fazer carregar com o peso de todas as responsabilidades, apenas desempenha o papel de co-réo nos actos bons ou perversos que veem do espirito já quasi realisados. A elle, ao corpo, basta o sustentar-se e dormir, e quando o espirito o deixa, cáe morto.

Mas o orgulho humano, intervertindo a ordem natural das coisas, deu-lhe uma supremacia com a qual elle não póde. Fê-lo rival, mais que rival: o soberano do espirito. Tal theoria estabelecida, torna os crimes duplos,—crimes do espirito e crimes da materia, e o antagonismo, um antagonismo impossivel, a lucta do Eu contra o Eu transtorna o coração do homem.

(Continúa)

ministerio das obras publicas, lá se vae o producto da venda e o mais que sahirá do bolso dos contribuintes.

2.º A matta com o seu terreno é logradouro common dos povos, e protege a villa d'Ovar e as povoações visinhas contra a invasão das areias.

Se não fosse logradouro, ha muito tempo, que pela lei da desamortisação dos baldios devia estar vendida, ou repartida pelos moradores.

3.º Como logradouro common está superior a essa lei, e portanto á auctoridade do governo, que nem póde auctorisar a sua venda.

4.º E está garantida pela lei protectora das terras e vales, porque defende Ovar e outras povoações contra as areias.

5.º Não póde pois o governo tomal-a como se diz sem fundamento.

Seria uma excepção escandalosa a que sujeitava um concelho, sem d'ahi lhe resultar nenhum proveito, bastantemente para commettel-a.

Todos os governos antigos e modernos respeitaram sempre as propriedades dos municipios.

VI

E se acaso ha um modo de attender aos direitos dos povos, e ao mesmo tempo de vender alguns talhões da matta, por competir ao ministerio das obras publicas o indicar onde devem executar-se os córtes para que não se prejudique o serviço, que ella nos presta contra as dunas, d'ahi não se segue, que por isso a entregamos ao governo, ou que este a administre; são ineptias, que enjão, e não precisam, que mais se refutem.

VII

Não é só vender, é preciso saber como, e para quê: vender para gastar nas obras do governo é o mesmo que entregar ao governo o producto das vendas.

Venda-se muito embora, quando seja possível e legal, mas venda-se de um modo, que não seja lesivo, conservando-se o capital, e applicando os juros só em proveito do concelho.

Venda-se depois de annuncios sufficientes, e avaliações rigorosas — marcando-se um preço—limite abaixo do qual não se admittam lanços; não se venda á tóa, d'afogadilho, e por todo o preço offerecido—siga-se a praxe d'abrir a praça tres vezes para os mesmos lotes—venda-se com manifesto zelo, sem prejuizo do municipio.

VIII

Vendeu a camara por 6 contos a melhor porção da matta, onde havia pinheiros

com cerne de mais de dois palmos de diametro!!

Se vendeu bem, como s'improvisa, não poderá vender pelo mesmo preço os restantes, que são mui inferiores em volume, e em qualidade; todos o sabem.

A matta tem d'extensão dez kilometros, e de largura, em pontos, dois, e n'outros, um e meio. A porção vendida tem d'extensão tres kilometros, e de largura 245 ao sul, vae alargando até mais de 500, e decresce até 300 pouco mais ou menos.

E' portanto com pouca differença a 5.ª parte de toda a matta.

Mas supponhamos que seja a sexta.

Se a camara vendeu bem, como diz, as outras cinco partes, que estão por vender, valerá cada uma, quando muito, 6 contos, como a já vendida; e juntas—30 contos.

A metade da matta, que olha para o mar, valerá, 15 contos, e a outra, outros 15.

Mas como esta não póde vender-se a oito, porque deixaria um vasto espaço nú, d'onde as areias soltas se lançariam sobre a villa e seus campos, é claro, que ahi não podiam apurar-se os 15 contos suppostos.

E' o que affirmamos—e o que não é possível contestar-se.

IX

Se a camara vendeu mal, e dos pinheiros, que restam, não comparaveis aos vendidos, podem obter-se, não 15 contos, mas 30, ou 40, tudo ficará consumido nos paços em construcção, e nas estradas, que imprudente pediu ao governo, e que este lhe cedeu, e ainda as gerencias futuras serão obrigadas a metter a mão no bolso dos contribuintes!!

Assim se deu a matta de presente ao governo!

O erro está consumado—agora é preciso desfazel-o.

E' possível, mas com o protesto e auxilio dos electores.

X

Ainda talvez possamos invocar a nullidade da deliberação, em que foram pedidas as estradas, porque a maioria da camara está illegalmente constituída.

Mas é remedio em que não confiamos muito.

Ahi repetimos as intrigas, que tolamente ousam imputar-nos. As intrigas são os actos publicos, condemnaveis, que ferem os olhos de todos, e que discutimos claramente.

Em vez das trapalhices, a que recorrem, era melhor o silencio.

Lourenço d'Almeida e Medeiros

CONFRONTOS

XLIV

Berlengas

«Pobre Berlengas, quem havia de dizer que tu, ruído pelos remorsos e castigado pelos crimes dos teus, endoidecerias tão rapidamente!

Os crimes d'uma geração inteira veem-se amontoando sobre ti e o seu peso obscureceu-te a razão, roubou-te a consciencia, como os Berlengas antigos roubavam as casas onde tinham entrada. Doido!

Lamentamos toda a pena de um homem, ainda que esse homem não fosse muito aproveitavel.

Logo em creança começou por escoucear os que lhe tinham dado a esmola.

Como os antigos Berlengas, começou a correr o fado mau.

Como os seus crimes são menores do que os antigos Berlengas, Deus reservou-lhe um supremo allivio—endoideceu-o antes de o arremessar para a enxerga apodrecida.

E tendo enlouquecido, elle julga-se um rei supremo, quando não passa de um simples *Limonada*.

Doido!

Vós vedel-o por ahi a cada momento. Vae n'aquella pileca parda, a bamboar com as pernas (segundo as regras da equitação), olhar desvairado, menos consciente do que o olhar da pobre burra que lhe atura as massadas e as tolices.

Vós vedel-o quando, ao passar por uma rua, estaca de repente, profere meia duzia de palayras sem nexo, e depois atralhado, a tremer, a compôr as lunetas no nariz, pica a gargana e lá vae seguindo o seu fadario em quanto o povo fica dizendo: está doido, coitadinho! Doido!

Deixae-o passar, coitado! Elle está doido e não é bonito rir do Berlengas que cahiu n'aquella infelicidade.

Deixae passar o pobre homem porque o peor mal é o d'elle! Alguem diz que foi a politica que o levou ao abysmo.

Erro, puro erro. Já se lhes manifestavam os ataques de loucura antes da politica o apañhar. Um choro desordenado, umas lamentações fóra do common eram sempre o prenuncio do ataque.

Ha tempos, porém, a doença aggravou-se, e o Berlengas enlouqueceu de todo.

Está doido!

Mas é um doido inoffensivo, ainda mesmo na furia do ataque.

Em tempos adquiriu a fama de ter olhar fixo, penetrante, incommotativo mesmo; e é por isso que elle hoje tem como suprema vingança encarar os seus adversarios, mas desvaira logo que o fixado lhe sorri com desdem. E' que o seu olhar não tem fixidez nem consciencia, e o pobre doido julga-se nos seus tempos felizes quando o adolavam para o explorar. E assim vive o desditoso Berlengas—doido pelos remorsos, sobrecarregado com os crimes d'uma geração inteira. Doido!

Carga d'Ossos

«Pelo escuro insondavel da noite vejo perpassar os perfis dos criminosos, esgueirando-se a medo, temerosos, da critica que os fustiga. Eu conheço de longe o *Carga d'Ossos*, o celebre heroe da palha e da fava, o criminoso cynico; conheço-o na incerteza dos passos, nas convulsões que a cada momen-

to experimenta com receio de ser perseguido pela justiça humana, elle que tem sido castigado pela justiça dos sepulchros.

Inabalavel no meu proposito, tanto castigo o miseravel passador de moeda falsa vinda d'Elvas, como respeito a familia; enterro a lamina do punhal justiceiro, porque a justiça humana o deixa tripudiar vilanias, commetter infamias sem numero, comprar a consciencia dos miseraveis igual a elle, mas mais pobres do que elle, porque ainda não roubaram em tão grande escala os revendedores, porque ainda não passaram libras falsas, porque ainda não pretenderam roubar baldios municipaes para esses miseraveis diffamarem. E comtudo todas as suas obras teem o cunho de fatalidade: todas as suas obras teem o cunho da maldição. A' morte repentina seguem-se os manejos do cynico covarde, que incapaz de atacar de frente o adversario, o procura ferir pelas costas.

Carga d'Ossos, estás amaldiçoado desde que attentaste contra a vida de um teu amigo.

A maldição vae a tal ponto que hoje tens de apertar nos teus braços o Lopes que te espantou em tempos que já vão longe. Apertal-o nos braços com vontade de o apunhalar. Elle bem o sabe, assim como todos quantos te rodeiam—sois ambos gemeos pelo crime: abraçae-vos ainda que vos odieis.

E quando chegar o dia da justiça, e quando a pedra do sepulchro estalar deante do estrondo das manifestações de regosio d'uma villa que afinal se vê livre de toda a especie de *Carga d'Ossos*, comilões de palha e fava e maninhos municipaes, quando chegar o dia da resurreição, sahirá, dia claro, do sepulchro e virá fustigar-vos a todos, a vós todos que viveis do crime, que só á custa de crimes podeis engordar, berlengar.

Então *Carga d'Ossos* contractos e arrependidos, impetrarão misericordia, então elles de joelhos virão lambar as botas dos inimigos, porque elles apenas vivem do roubo, de *comer* e de berlengar como em tempo viveram do dinheiro falso d'Elvas.

Que lhes importa que a dignidade, a honra fiquem esfarapadas? Elles ambicionam só dinheiro, elles querem palha, fava e baldios.

Como o roubo feito aos particulares não dá grande lucro, elles, os *Carga d'Ossos*, querem roubar o municipio.

Carga d'Ossos a hora da expiação não chegou mas depressa virá. Nem com todos os teus subterfugios, nem com todo o dinheiro roubado conseguirás illudir o castigo.»

(*Povo d'Ovar*, n.º 40.)

SECÇÃO LITTERARIA

Trevas

Quiz vêr o carcere. Só n'elle havia Uns vultos pallidos, de torvo aspecto, Respirava-se a custo, e parecia Que me esmagava o ennegrecido tecto.

Era um mar de paixões em calmaria; Mas outr'ora revoltou e irrequieto; Apenas pela abobada sombria Revoava, a zumbir, nocturno insecto.

Cheguei-me á turba vil, encarcerada, Em cuja face se cravara o stigma Do crime, que nos faz estremecer.

E perguntei:—Que dolorosa estrada Vos trouxe aqui?—E a turba, a esphinge, o enygmata Rugiu na sombra:—Não sabemos lêr...»

Candido de Figueiredo.

Em confidencia...

(*A uma oliveirense gentil*)

Triste louquinha, embebido no teu cabelo fragrante, na scintilla deslumbrante d'esses olhos divinaes, crente fondo me julgáras de amor offeritando o incenso ao teu solio vasto, imenso... de graças angelicaes!

A ti sorri-te a existencia em niveo manto estrellado, e o teu nome celebrado canta o mundo com ardor! Chovem-te aos pés os poemas ebrios de affecto e doguras, e osculam essas mãos puras mil odysseas de amor!

A mim... ai! quem me sorrira que tenho sempre a meu lado, de negros crepes trajado, hecteo, o archanjo dos meus ais! Eu—que só tributo cantos ás campas mudas, sombrias, e, de encontro ás loisas frias, contemplo os meus ideaes!...

Que sonhos faria, triste, de illusões já estiolada, minh'alma já abandonada nos ermos vastos da dor, em delirio implorando a teus doces pés, reverente, uma palavra, sómente, aos meus protestos d'amor?!

Nem est'alma amargurada que só á dor se abalança, não soffrera, não! creança, teus caprichos infantis; nem o meu modesto nome vae d'amor's turbar a lista a cuja rapida vista tão sarcastica sorris!

Eu choro ao ver esse orgulho que em brazões pulverulentos, nem em cofres opulentos vastos alicerces tem: outra Mary celebrada, outro Dante além dos mundos... nem Herculanos profundos... em ti não vira ninguém!

Não volvas mais essas provas que evidenciam respeito, do bello sómente o preto, em homenagens de amor! Hi muito já que não sonho, da ambição não sei caminhos... e tambem sei que ha espinhos dos nossos jardins na flor!...

Eu não me curvo ante as sedas, ante longas, aureas listas... aos diamantes e amethystas sob argentados salões; mas vou accurvar-me, tremulo, de affeições em plena festa, aos pés de joven modesta do mundo nas solidões.

Rir-te-ás da minha satyra, ebria de orgulho mentido, e, ao meu nome esquecido, lançarás escarneo vill! Não importa: eu não aspiro á pequenez da tua alma: de Job antes amo a palma, que um sceptro e c'roa servil!

Vive e gosa na opulencia, do orgulho rainha nobre! Deixa o triste a quem não cobre como tu, *aureo brazão!* que eu, democrata austero, sonho apenas, só cogito n'um porvir aureo e bemdito das campas na solidão.

Azemeis—93.

Olympio Fonseca.

Roma

Roma é unica na terra. Cahiram as grandes cidades antigas e levantaram-se as grandes cidades modernas, e Roma succedia a Roma,

«Cancioneiro de musisas populares»

Satisfazendo cabalmente ao prospecto, á medida que se adeanta, esta publicação portuense avoluma de valor e de interesse, no seu precioso contexto, quer pela parte musical e poetica, quer pela choreographica, e ainda pelas annotações, que são realmente curiosas.

No 6.º fasciculo, que acabamos de receber, encontramos um hymno patriótico do estadista Passos Manuel, para o qual escreveu a musica o finado e insigne violinista do Porto o professor João Antonio Ribas, que deu a Portugal uma familia de artistas notaveis.

O «Trolha d' Afife» é uma cantiga caracteristicamente minhota; a letra o diz:

Ora vira, vira,
Na folha da cana;
Sou um pobre trolha,
Venho de Vianna.

A «Carrasquinha» é igualmente uma formosa cantiga do norte; é choreographica, e dança-se d'uma maneira muito graciosa, com scenas mimicas. Em qualquer sala, dançada e cantada por meninas, deve ser d'um bello effeito.

A ballada «Deixa-me fallar baixinho» podia enriquecer uma operetta, tão mimosa é, tanto na letra como na musica.

Já vão publicados 40 numeros, no «Cancioneiro», além d'uma enorme quantidade de trovas. Eis o summario do 6.º fasciculo:

«Carrasquinha», choreographica, offerecida á sr.ª D. Engracia Moreira de Sá; «Canção Villanovense», patriótica, offerecida á sr.ª Viscondessa de Faro Oliveira; «Deixa-me fallar baixinho», balada, offerecida á sr.ª D. Carlota da Resurreição; «San Martinho», canção, offerecida á sr.ª D. Judith Bravo; «Trolha d' Afife», choreographica, offerecida á sr.ª D. Maria Augusta de Sampaio da Cunha Pimentel de Carvalho; «Pera Verde», choreographica, offerecida á sr.ª D. Felismina Candida Cerqueira Montenegro.

O «Cancioneiro» assigna-se e vende-se nas livrarias e armazens de musica.

CHRONICA

S. MARTINHO

Eu nunca, que me lembre, festejei este santo querido, muito querido especialmente da gente moça que aneia o seu dia grande como eu aneio por te ver bem longe de mim e para sempre—ó minha pomba ramellada!

Nunca senti jubilo de mais no dia de S. Martinho porque—e isto com a franqueza toda—não sou, nem fui nunca guloso pelo chá de parreira, pelo tal sangue de Nosso Senhor, que correu em grandissima abundancia das pipas dos vendedores para os estomagos, ódres, de muita gente. Mas diz-se que «quem não gosta de vinho, não gosta de Deus.» Pura mentira; e tanto assim é que não auctoriso ninguém, nem o proprio padre santo de Roma a amar e rezar a Nosso Pae tanto sequer como eu. Acreditem.

Tal anexim, portanto, não tem razão de ser, não merece emprego em qualquer conversa porque falla. Eis uma prova incontestavel que apresentei.

E foi por isso que não tomei a sério o dia do popular santinho, á saude de quem tanto *marufo* consumiu, muito menino bonito com gaudío dos tasqueiros que Deus guarde para consolo de tres partes do mundo!

O S. Martinho teve o seu dia feio, molhado, lamas por todas as ruas de quatro palmos, lagos fundos aqui e além; e de noite—crédo! crédo!—afóra d'isto uma escuridão completa, quando tanta gentinha envergonhada fazia-se a suas casas, a cabeça pesada, a cambalear, a cambalear... Depois, chuva copiosa, de longe em longe, uma faisca, silencio geral cortado pelos apupos de qualquer ginja em completo desequilibrio intellectual, filho do *chásinho* e castanhas.

Manha seguinte — ai, Jesus, o meu estomago... «O' tia coisa, vá ao medico já, já, senão arreberto; e o S. Martinho ri-se ainda da minha parvoíce prejudicial em sua honra e em honra d'esta peste (estomago) que pedia vinho e mais vinho.»

Bem andei eu. Eu é que andei bem. Quem andou bem fui eu. Ora como só eu é que andei bem—porque andei—poupe-me á narração do caso em que andei bem, muito e muito bem, na noite de S. Martinho que também—e foi a primeira vez—festejei. Como? Com que? aonde?

Com castanhas e vinho, muito pouquinho— a terça parte de um quarteirão, e em minha casa, sósinho, isto é, com a tua phantastica companhia—ó minha pomba ramellada!

Por isso accordei cedo no dia seguinte, puz-me a pé a ouvir missa, bem disposto, tão bem disposto como agora a fazer um pallido resumo do S. Martinho em Ovar.

Que me conste—e isso é gloria para a minha terra—a chronica do tribunal não soffre augmento: a cadeia continúa com os mesmos presos; só sim sei que os vendedores do sangue de Nosso Senhor abotoaram-se com uma maquia soffrivel, ganha honradamente, está visto.

E dizem que elle, o tal summo saboroso da parreira, está pela hora da morte!!

Que Portugal atravessa uma crise agudissima que mais se manifesta nas classes pobres?!

Ora... não é tanto como se diz. Historias, historias... O vinho consome-se; só eu é que não vejo maneira segura de te enviar para as profundas do inferno—ó minha pomba ramellada!

Concluindo: um S. Martinho sem notas picarescas, sem graça, desenchabido de todo. Ora ahí está.

Justo é, portanto, que, semelhante ao dia do santo, a minha chronica venha, como todas, despidas de chiste, pois além de nunca ter fumaças de espirituoso, o assumpto fica a perder de vista, e mesmo na occasião presente preocupam-me serviços estranhos que demandam mais interesses que este de escrever todas as quintas ao leitor e leitora.

Por isso... boa tarde, e desculpem-me, se quizerem; do contrario queixem-se a S. Martinho.

Jayme.

ANNUNCIOS

MACHINA DE COSTURA

Vende-se uma (Singer) em bom estado, propria para costureira ou alfaiate, por um preço razoavel.

Para tratar—Joaquim Gomes da Silva, o **Merceneiro**.

RUA DA PRAÇA

OVAR

AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados, tendo mandado no dia 19 do mez passado celebrar uma missa para suffragar a alma de seu cunhado Joaquim José de Bastos, fallecido no Rio de Janeiro, veem agradecer a todas as pessoas que assistiram ao religioso acto, especializando n'este agradecimento o celebrante, rev.º Maia.

Ovar, 5 de novembro de 1893.

Abel da Costa Lamy
Rosa de Jesus.

AGRADECIMENTO

Francisco Correia Dias, Maria Clara de Oliveira Pinto e Thomé Correia Dias, agradecem a todas as pessoas que os cumprimentaram por occasião do finamento do seu chorado filho e sobrinho, Antonio, pedindo a todos desculpa de qualquer falta involuntaria.

Ovar, 6 de novembro de 1893.

Pós de carvão, quina, essencia de hortelã pimenta, etc., para limpeza dos dentes.

E. Zagallo de Lima—Praça, 63

Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77

PORTO

N'esta officina, imprime-se bilhetes de visita a 160, 200, 240, 300, 360 e 400 réis.

Fabricam-se carimbos de borracha.

BILHETES DE LUCTO

para agradecimento

Enviam-se pelo correio, a quem enviar a sua importancia adeantadamente.

Fabrica de adubos chimicos do norte de Portugal

Administrador—Astier de Villate, agronomo

ADUBOS para milho e feijão, leguminosas, vinho, cereaes, etc.

Superphosphatos, phosphatos, nitratos, sulphato de potassa, chloro de potassa, kainst, gesso, cal. Dósagens garantidas.

Enxofre em pedra e moído. Enxofre com sulphato de cobre, contra o oídium e mildew

Este enxofre tem a côr azul devida ao sulphato do cobre. Exigir esta côr, ficando certo que o preparado tem pelo menos 10 p. c. de sulphato de cobre.

Enxofre Skawinski. Escriptorio, rua Formosa, 250—Porto.

A VIUVA MILLIONARIA

ULTIMA PRODUCCÃO DE

EMILE RICHEBOURG

Auctor dos romances: *A Mulher Fatal, A Martyr, O Marido, a Avó, A Filha Maldita e a Esposa*, que teem sido lidos com geral agrado dos nossos assignantes

Edição illustrada com bellos chromos e gravuras

A fama do admiravel trabalho, que vamos ter a honra de apresentar á elevada apreciação dos nossos assignantes, e cuja publicação está terminando em Pariz, centro principal de todo o movimento literario contemporaneo, t-m sido alli consagrada por um exito verdadeiramente extraordinario, que mais e mais tem engrandecido e exaltado a reputação do seu auctor, já tantas vezes laureado. E com effeito nunca EMILE RICHEBOURG provou tão manifesta e exuberantemente os grandissimos recursos da sua fecunda imaginação.

Este romance, cuja acção se desenvolve no meio de scenas absolutamente verosimeis, mas ao mesmo tempo profundamente commoventes e impressionantes, excede, debaixo de todos os pontos de vista, tudo o que o festejado romancista tem escripto até hoje, e está evidentemente destinado a tomar logar proeminente entre os trabalhos litterarios, mais justamente apreciados a actualidade.

A empraza, que procura sempre com o maior escrupulo corresponder dignamente ao favor dos seus assignantes espera continuar a merecer o seu valioso auxilio, que mais uma vez se atreve a solicitar.

Brinde a todos os assignantes

Uma estampa em chromo de grande formato, representando a

Vista da Praça de D. Pedro

EM LISBOA

Tirada expressamente em photographia para este fim, e reproduzida depois em chromo a 14 côres. copia fiel da magestosa praça em todo o seu conjunto. Tem as dimensões de 72 por 60 centimetros, e é incontestavelmente a mais perfeita que até hoje tem apparecido.

Brinde aos angariadores em 2, 4, 10, 15 e 30 assignaturas.

Condições d'assignatura:—Chromo, 10 réis; gravura, 10 réis; folha de 8 paginaas 10 réis. Sahirá em cadernetas semanaes de 4 folhas e uma estampa, ao preço de 30 réis pagos no acto da entrega. O porte para as provincias é a custa da Empresa, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido o importe da antecedente.

A empresa considera correspondentes as pessoas das provincias e ilhas que se responsabilisarem por mais de tres assignaturas.

A commissão é de 20 p. c., e sendo 10 assignaturas ou mais terão direito a um exemplar da obra e ao brinde geral.

Em Lisboa recebem-se assignaturas no escriptorio dos editores—rua do Marechal Saldanha, 26—LISBOA, onde se requisitam prospectos.

Acceta-se correspondente n'esta localidade.

JÁ SE ACHAM Á VENDA

REPERTORIOS

ALMANACHS

PARA 1894

DA ANTIGA LIVRARIA POPULAR DOS LOYOS

A maior e mais variada colleção que até hoje tem apparecido, pois consta de 14 auctores, entrando n'ella o antigo almanach critico, satyrico e prognostico

O SERINCADOR

De Liborio de Magalhães

bem como

O Almanach das feit'ceiras, Propheta Universal, Novo amigo da verdade e o Pae Ambrosio de Suza (O Preto)—Borda Leça, Borda d'Água, Borda Vinho, Borda d'Ouro, Astrologo Luzitano e Pedro Coutinho Velho.

Para revender grandes descontos Deposito geral

Imprensa Civilisação, editora

DE MANOEL FERREIRA DE LEMOS

Rua de Santo Ildefonso, 73 a 77 (Largo da Pocinha), para onde podem ser dirigidos todos os pedidos.

COPIOGRAPHO

De massa branca preparada pelo dr. Bergmann

O unico que até hoje tem dado bom resultado chegando a tirar 100 cópias perfectas.

Preços: formato almasso 1\$800 réis.

Formato commercial réis 1\$500.

Formato meio commercial 800 réis.

Tinta violeta do dr. Bergmann, frasco 200 réis.

Para a provincia accresce 200 réis em cada copiographo e 50 réis em cada frasco de tinta,

A' venda em Lisboa, rua Aurea, 69. Porto, A. J. Fernandes, largo dos Loyos, 44 e 45.

NOTAS DE EXPEDIÇÃO

Para encomendas

FEITAS PELA

COMPANHIA REAL

DOS

Caminhos de Ferro Portuguezes

Impressas nitidamente em bom papel. PREÇOS, por milheiro, muito razoaveis. Ha sempre grande deposito na

Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77

CARTÕES DE VISITA

A 160, 200, 240 e 300 réis

Na Imprensa Civilisação.

NOVIDADE

Chegou a cerveja BOHEMIA e PRIMAVERA.

Quem tem calor vá ao Cerveira, na

PRAÇA.

Livros para registro DE HOSPEDES

E Relações dos mesmos que os proprietarios dos hoteis são obrigados a enviar todos os dias ao commissariado de policia. Vendem-se na

Impr. Civilisação — Pocinha, 73 a 77